

A CULTURA DAS TRADIÇÕES SELETIVAS: (IN)VISIBILIDADE DE RAINHAS E PRINCESAS NEGRAS DO CLUBE TREZE DE MAIO NO JORNAL *A RAZÃO* (1960-1980)*

*The culture of selective traditions:
(in)visibility of black queens and princesses from the Black Social Club Treze de Maio in the newspaper *A Razão* (1960-1980)*

*Una cultura de tradiciones selectivas:
(in)visibilidad de las reinas y princesas negras del Clube Social Negro Treze de Maio en el periódico *A Razão* (1960-1980)*

_GIANE DA SILVA VARGAS

SOBRE A AUTORA >

Foto: aitoff

GIANE DA SILVA VARGAS >

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora adjunta do curso de História da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), instituição no âmbito da qual coordena o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi Mocinha), o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) da área de História, o projeto pesquisa "Rainhas negras do Clube 24 de Agosto: identidades, representações e trajetórias de mulheres de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai" e o projeto de extensão "Atinuké", sobre o pensamento de mulheres negras. e-mail: gjaneatinuke@gmail.com

RESUMO > ABSTRACT > RESUMEN >

O artigo tem como objeto de estudo as entrevistas concedidas por rainhas e princesas dos concursos de beleza do Clube Social Negro Treze de Maio e a cobertura da coluna social do jornal *A Razão*, de Santa Maria (RS), a esses certames. A análise se fundamenta nos três níveis da teoria da cultura de Raymond Williams: a cultura vivida, a cultura registrada e a cultura da tradição seletiva. Conclui-se que as rainhas e as princesas do Treze foram detentoras de visibilidade no reduto da sociabilidade negra, na cultura vivida e registrada entre seus pares; mas não se tornaram parte efetiva da cultura registrada na imprensa local santa-mariense, pois, entre as tradições seletivas do jornal *A Razão*, estava a cobertura, principalmente, a eventos dos clubes frequentados por mulheres brancas.

Palavras-chave: Cultura vivida. Cultura registrada. Cultura da tradição seletiva. Rainhas e princesas negras. Clube Social Negro Treze de Maio. Cobertura jornalística.

The article has as object of study the interviews of the queens and princesses of the beauty contests of the Black Social Club Treze de Maio and the coverage of these events of the gossip column of the newspaper *A Razão*, from Santa Maria (RS). The paper's analysis is based on the three levels of Raymond Williams' theory of culture: the lived culture, the recorded culture and the culture of the selective tradition. It is concluded that the queens and princesses of Treze were visible in the stronghold of black sociability, in the lived and recorded culture among their peers; but they did not become an effective part of the recorded culture in the local Santa Mariense press, because among the selective traditions of the newspaper *A Razão* was the coverage, mainly, of events of the clubs frequented by white women.

Keywords: Culture lived. Registered culture. Selective tradition culture. Black queens and princesses. Black Social Club Treze de Maio. News coverage.

El artículo tiene como objeto de estudio las entrevistas dadas por reinas y princesas de los concursos de belleza del Clube Social Negro Treze de Maio y la cobertura de la columna social del diario *A Razão*, de Santa Maria (RS), sobre estos hechos. El análisis se basa en los tres niveles de la teoría de la cultura de Raymond Williams: la cultura vivida, la cultura registrada y la cultura de la tradición selectiva. Se concluye que las reinas y princesas de Treze eran visibles en el baluarte de la sociabilidad negra, en la cultura vivida y registrada entre sus pares; pero no se convirtieron en parte efectiva de la cultura registrada en la prensa local de Santa Maria, porque entre las tradiciones selectivas del diario *A Razão* estaba la cobertura, principalmente, de eventos de los clubes frecuentados por mujeres blancas.

Palabras clave: Cultura vivida. Cultura registrada. Cultura de tradición selectiva. Reinas y princesas negras. Cobertura de noticias.

* Artigo elaborado a partir de trabalho apresentado no XLI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Joinville (SC), em setembro de 2018..

1. INTRODUÇÃO

Este artigo se desenvolve em interlocução com os estudos culturais, que, como aponta Sovik (2003, p. 11), já na sua origem, buscavam, sobretudo, novas compreensões acerca “de classe social, movimentos sociais e política”. Trata-se, aqui, de realizar uma análise cultural em que são centrais as rainhas e princesas dos certames de beleza realizados pelo Clube Social Negro Treze de Maio, da cidade de Santa Maria (RS). A pesquisa se fundamenta nos três níveis da teoria da cultura de Williams (2003) – a cultura vivida, a cultura registrada e a cultura da tradição seletiva –, para discutir qual era o espaço dado àquelas mulheres na coluna social do jornal *A Razão*.

Assim, toma-se como tema de pesquisa os concursos de beleza do referido clube social negro, tendo como cultura registrada a cobertura do jornal, para formular a hipótese de que a reprodução de tradições seletivas calcadas no racismo e no machismo naturalizam a imposição de um padrão de beleza que desqualifica a estética negra, pois mulheres de cabelos crespos, nariz largo e pele escura nunca foram imaginadas como detentoras de beleza.

O período compreendido pela pesquisa corresponde à “idade de ouro” do Clube Treze de Maio, que teve seu apogeu de 1960 a 1980. A coleta de dados se deu no Arquivo do jornal *A Razão*, no Arquivo Público Municipal de Santa Maria, no acervo digitalizado do Museu Comunitário Treze de Maio e nos acervos pessoais das rainhas e princesas dos certames de beleza do clube, bem como de outros antigos associados.

Há ainda as entrevistas, que testemunham a cultura vivida pelas rainhas e princesas negras, que analisamos nos depoimentos de Izoete Soares Ribeiro, Rainha de Festas em 1966; Nilza Moura dos Santos, Miss Simpatia da lista das “10 Mais”, que o clube promoveu em 1969; Alcione Flores do Amaral, Rainha do Carnaval 1970; e Zanete Callil Nascimento, Miss Mulata 1980.

2. OS TRÊS NÍVEIS DA CULTURA

Johnson (2006) observa que há diversos e diferentes pontos de partida utilizados como estratégia de definição dos estudos culturais, que podem ser definidos como uma tradição intelectual e política ou em suas relações com as disciplinas acadêmicas ou em termos de paradigmas teóricos ou, ainda, por seus objetos característicos de estudo. Contudo, segundo o autor, a palavra-chave ainda é cultura:

Boa parte das fortes continuidades da tradição dos estudos culturais está contida no termo singular “cultura”, que continua útil não como uma categoria rigorosa, mas como uma espécie de síntese de uma história. O termo tem como referência, em particular, o esforço para retirar o estudo da cultura do domínio pouco igualitário e democrático das formas de julgamento e avaliação que, plantadas no terreno da “alta” cultura, lançam um olhar de condescendência para a não-cultura das massas (JOHNSON, 2006, p. 20).

De fato, Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward Palmer Thompson são apontados como fundadores dos *cultural studies* britânicos por sua contribuição teórica e metodológica para a transformação radical do conceito de cultura. Tais autores pertencem às primeiras gerações emergentes da classe operária inglesa para o ambiente acadêmico, beneficiados por políticas públicas inclusivas na educação, e por isso mesmo aptos a falar de um lugar diferente. Entretanto, esse lugar não se conquistou sem conflitos, sem negociação. De acordo com Costa (2000, p. 18-19), eles “expressavam, sobretudo, as tensões de estudantes de origem popular que, ao completar sua formação universitária, debatiam-se em uma ambivalente identidade cultural constituída por dois mundos antagônicos”.

O trio fundador e, em seguida, Stuart Hall, que a eles se junta, constituem os estudos culturais britânicos na interlocução com movimentos sociais, como o Worker’s Educational Association e a Campaign for Nuclear Disarmament; com a nova orientação política das esquerdas proposta pela *New Left*, que se afastava do socialismo stalinista; e com a *New Left Review*, publicação que organizava intelectualmente as respostas políticas dessa nova esquerda (ESCOSTEGUY, 2001). Como marco teórico do surgimento dos estudos culturais, Hall (2003a, p. 133) aponta três livros surgidos no final dos anos 1950, qualificando-os como “seminais e de formação”: *The uses of literacy*, de Hoggart (1957), *Culture and society*, de Williams (1958), e *The making of the english working-class*, de Thompson (1963). “Eles não apenas levaram a ‘cultura’ a sério, como uma dimensão sem a qual as transformações históricas, passadas e presentes, simplesmente não poderiam ser pensadas de maneira adequada. Eram em si mesmos ‘culturais’, no sentido de *cultura e sociedade*”.

Cevasco (2001, p. 125) apresenta um Williams preocupado “com a cultura popular, com a análise dos efeitos da nova sociedade das mídias e das maneiras de se combater as formas de dominação cultural”, mas ao mesmo tempo reconhecendo retratados nos mais variados veículos midiáticos (do livro à televisão) os elementos de um processo social material que incorporava significados e valores de indivíduos e grupos, com eles interagindo.

No segundo capítulo de *The long revolution*¹, publicado originalmente em 1961, Williams (2003, p. 56, tradução nossa) apresenta a sua proposta para uma análise cultural, observando que a história de uma cultura é mais do que a soma de experiências particulares, definindo: “a teoria da cultura como o estudo das relações entre os elementos de todo um modo de vida. A análise da cultura é o intento de descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações”. Para operacionalizar tal análise, ele distingue três níveis na cultura: 1) a cultura vivida em um determinado tempo e lugar, que apenas se encontra totalmente acessível àqueles que ali vivem ou viveram; 2) a cultura registrada, isto é, a cultura documentada de um período; e 3) a cultura da tradição seletiva, fator vinculante entre a cultura vivida e os registros da cultura em distintos períodos.

À noção de cultura vivida corresponde o próprio conceito de cultura, desenvolvido por Williams ao longo de seu trabalho com educação de adultos, de sua atuação no livro *Culture and society*, de 1958, e também no ensaio com descrições quase literárias, *Culture is ordinary*, publicado no mesmo ano. Neste último texto, a palavra de ordem, “a cultura é ordinária”, confrontava preconceitos de classe, no sentido de substituir a ideia de cultura como algo a ser “cultivado”, como na arte, pela qualificação “ordinária”, que tanto pode ser tomada como “comum” ou “padronizada” (WILLIAMS, 2007, p. 302-303).

Williams (2003) observa ainda que, quando a cultura de um período já não é presente, ou seja, não é mais uma cultura vivida, o passado sobrevive, ainda que de maneira mais restrita, nos documentos deixados por essa e/ou acerca dessa cultura. E, por meio da cultura registrada, é possível obter uma ideia razoavelmente clara sobre o acervo cultural, os padrões gerais de atividade e os valores de tal período. Contudo, permeando a sobrevivência da cultura de determinado período, há seleções (do que constitui acervo, de quais são efetivamente os padrões e valores culturais, por exemplo), que se dão no momento mesmo em que essa cultura é vivida, mas, também, nos próximos períodos, formando, de modo gradual, em continuidades e rupturas que acontecem em cada época subsequente, uma tradição.

É muito importante tratar de entender o funcionamento de uma tradição seletiva. Até certo ponto, a seleção começa dentro do mesmo período; de toda massa de atividades se selecionam certas coisas, se lhes dá valor e ênfase. Em geral esta seleção refletirá a organização do período em seu conjunto, ainda que isto não signifique que mais adiante os valores e ênfases se confirmem (WILLIAMS, 2003, p. 59, tradução nossa).

¹ Utiliza-se aqui a edição em espanhol, intitulada *La larga revolución*

Um exemplo disso pode ser apontado na consulta a dados documentais em acervos de jornais, pois se à cultura vivida correspondem os acontecimentos que estavam em curso em determinado tempo e lugar, o agendamento do que e de quem é notícia, no momento do registro desses fatos, isto é, quando eles adquirem o estatuto de acontecimentos jornalísticos, já se constituiu em uma primeira seleção; e quando acontece a busca pelos registros dessas fontes, é muito provável ela seja orientada pelos propósitos atuais da pesquisa que originou a consulta, o que institui a tradição seletiva. “Teoricamente, um período se documenta; na prática, essa documentação é absorvida por uma tradição seletiva, e ambos são diferentes da cultura vivida” (WILLIAMS, 2003, p. 59, tradução nossa).

Williams (1979, p. 119) ressalta que, numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para ênfase e certos significados e práticas são postos de lado, ou negligenciados. Assim, qualquer tradição é um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interior do domínio de uma classe específica, que legitima e ratifica um senso de continuidade predisposta. Segundo o autor, a maioria das versões de “tradição” são radicalmente seletivas. Por isso, há pontos de recuo para grupos na sociedade que foram deixados à margem por algum acontecimento hegemônico particular. E grande parte do debate sobre a tradição se faz entre representantes dessas duas posições, ou seja, se há uma “cultura hegemônica”, por outro lado também há uma cultura “contra-hegemônica”, da qual o Clube Treze de Maio e suas rainhas, certamente, eram parte.

Assim, cabe neste artigo refletir de que forma se davam as relações entre brancos e negros na sociedade santa-mariense e no interior do Treze de Maio, a partir da visão de mundo das mulheres que o frequentaram, isto é, a cultura vivida, e da forma pela qual a imprensa hegemônica as representava, ou seja, nas tradições seletivas perpetradas pela cultura registrada no jornal *A Razão*.

Williams (2003, p. 60, tradução nossa) assinala ainda que, “no interior de uma dada sociedade, a seleção será regida por muitos interesses especiais, incluídos os de classe”. Aqui, acrescentamos questões raciais entre os interesses especiais que determinaram a formação e a consolidação da tradição seletiva perceptível na cultura tradicional da sociedade santa-mariense dos anos 1960 a 1980, que corresponde em grande medida ao sistema de interesses e valores então vigentes, tanto no sentido das distinções entre classes sociais quanto da segregação racial. Isso porque “a tradição cultural não é somente uma seleção, mas também uma interpretação” (WILLIAMS, 2003, p. 61, tradução nossa), e assim, pensamos a coluna social do jornal *A Razão* não apenas na sua função de veicular os eventos sociais dos clubes da cidade de Santa Maria, mas como um lugar de contínua seleção e interpretação das tradições dessa cultura.

3. AS RAINHAS E PRINCESAS DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO E A COBERTURA DO JORNAL *A RAZÃO*

Tomamos as entrevistas com as rainhas e princesas dos certames promovidos pelo Clube Treze de Maio como a cultura vivida. Como cultura registrada, de um lado, apresentamos fotografias e outros documentos, entre os quais se destaca o jornal *O Treze*, que qualificamos como veículo contra-hegemônico, e, de outro

lado, a cobertura dada aos concursos de beleza do clube pela mídia hegemônica na Santa Maria da época, o jornal *A Razão*. Apontamos as tradições seletivas tanto na cultura vivida como na registrada.

3.1. TESTEMUNHOS DA CULTURA VIVIDA NO CLUBE TREZE DE MAIO

Entrevistadas², as rainhas e princesas eleitas em concursos de beleza promovidos no clube social negro, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, testemunham a *cultura vivida* no Treze de Maio. Quando perguntada sobre significado do clube na sua vida, Nilza Moura dos Santos declarou: “[...] *o Treze era tudo, na minha época, pra nós!*”. De fato, nas entrevistas, foi unânime entre as rainhas a menção ao clube como segunda casa, como pontua Izoete Soares Ribeiro:

[...] No Treze, a gente considerava como se fosse uma segunda casa, a gente se reunia no sábado à tarde e tinha jogo, tinha mesa de pingue-pongue por ali, que jogavam, né?, e a gente conversava se reunia lá, era nossa casa o Treze de Maio, tanto que a gente passa ali dá saudade, né?, era muito bom.

As referências ao Treze de Maio, em diversos momentos das entrevistas, como lugar de conagração, de extensão do ambiente familiar, de cultura vivida no envolvimento com o clube, seus modos de funcionamento e seus aparatos estruturais, testemunham a representação de um espaço de vitória, de celebração, de vida social intensa, onde se constituía uma identidade cultural negra e feminina. Alcione Flôres do Amaral, cujo primeiro título foi Rainha Infantil do Carnaval de 1961, aponta o clube como “ponto fortíssimo” da sua formação, e, como as outras entrevistadas, teve seu baile de debutantes, sua aprovação no vestibular, seu coroamento como Rainha do Carnaval 1970 e outras tantas festas comemoradas no lugar que carinhosamente chamam de Treze. Suas experiências de vida estiveram intrinsecamente ligadas ao clube, e a ele se referem de modo afetivo como memória da infância, da juventude, das conquistas pessoais, da família e dos amigos. “A noção de casa evoca, inexoravelmente, as relações familiares, as relações entre gêneros. O clube é permanentemente referido como lugar da família, lugar de encontro das famílias, lugar de constituição de famílias e alianças entre famílias” (GIACOMINI, 2006, p. 53).

Zanete Callil Nascimento, que foi Miss Mulata 1981 pelo Treze, conta que os carnavais infantis eram chamados de “matinés” e que os pais costumavam acompanhar os filhos nesses eventos. Somente ao completar 15 anos era permitido à moça a mudança para o turno da noite, mas a obrigatoriedade da companhia dos pais não se alterava. A miss, que garantiu o título de Segunda Princesa Mulata Café Concurso Estadual de Miss Mulata 1981, afirmou que as rainhas e misses “[...] *tinham que ser muito bonitas e não só isso, corajosas*”, pois *falavam aos associados enquanto duravam seus “mandatos”*. E falar em público é um ato de coragem que

² Todas as entrevistadas assinaram uma autorização de uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos. As entrevistas foram concedidas à autora nos períodos de julho a dezembro de 2013 (Alcione Flores do Amaral e Izoete Soares Ribeiro) e janeiro a julho de 2015 (Zanete Callil e Nilza Moura).

fazia parte da cultura vivida nos certames do Treze, pois as rainhas e princesas tinham voz e atenção naquele reduto de sociabilidade negra. Do clube, o que chamava a atenção de Zanete

[...] era o capricho, o chão, muito bem encerado. As mesas com toalhas. Tinha uma ocasião assim, ó, na época, o que era favorável era o Carnaval, aí, depois, era o Baile da Primavera e o Baile da Romaria. [...] as mulheres gostavam de ir ao clube de se apresentar no clube, de colocar o melhor calçado, a melhor roupa e ir lá... dançar.

Zanete lembra ainda das punições da diretoria àqueles que insistissem em dançar de rostos colados, por exemplo. As formas de controle dos corpos negros eram diversas e criativas, e geralmente eram as esposas dos diretores que batiam no ombro do casal que estivesse “*um pouquinho mais*” abraçado, para manter a boa reputação do clube. Mas, para Zanete, todo aquele rigor “[...] *somou, porque ali era onde a gente se divertia, onde é que a gente aprendia a ter limites*”.

Contudo, no caso de Izoete Soares Ribeiro, Rainha de Festas de 1966, opressões de gênero da cultura vivida na época se fazem notar nas regras e sanções perpetradas pelo clube. Izoete, pelo fato de ser filha de uma mulher viúva, se fazia acompanhar por um casal de amigos, pois sua mãe sabia que “*não devia frequentar a sociedade*” e, por isso, não se sentia à vontade para levá-la nas festas, delegando a missão a pessoas da sua confiança, constituídas como família tradicional, ou seja, com a presença de um marido. Naquele contexto, sua mãe não era o modelo do feminino desejável, isto é, não correspondia ao mito do “eterno feminino” (BEAUVOIR, 1967, p. 363), aos olhos de um clube que primava pelas relações heteronormativas, estáveis e oficiais.

Alcione Flôres do Amaral, Rainha do Carnaval de 1970, no Treze, e Princesa do Carnaval no concurso municipal do mesmo ano, também aponta uma situação de discriminação no clube, que não permitia que mães solteiras e mulheres separadas fizessem parte de seu quadro de associados, ressaltando, contudo, que esta também era a “regra” em sua casa e atribuindo essa situação ao *Zeitgeist*, que determinava a cultura vivida naquele contexto espaço-temporal.

[...] Eu tenho, hoje, uma certa culpa com relação a algumas amigas minhas, que tiveram filhos naquela época, fora do casamento, e que a minha família dizia: olha, a partir de agora, eu acho bom que tu não ande com a fulana. Eu acho isso horrível hoje, mas fazia parte, né? Tu não escolhe a data que tu vive. Entende? Eu vivi aquela época. E naquela época não podia. Hoje, eu tenho tipo dívida com essas amigas, que tiveram essa, não sei, infelicidade, não sei o que é. E essas coisas, diziam assim: a moça se perdeu. Entende? Quando ela tinha relacionamento sexual, antes do casamento. Mas, ao mesmo tempo em que eu me sinto desconfortável com isso, eu entendo que era a época.

Nessas opressões de gênero, que determinavam o que negros e, sobretudo, negras deveriam fazer ou deixar de fazer com seus corpos, vestir-se desta ou daquela maneira, notam-se *tradições seletivas* de valores

e comportamentos apropriados, com maior ou menor intensidade, a partir dos padrões de uma sociedade branca que os excluía, por conta do racismo e da segregação. Eram os valores morais, afetivos, simbólicos e de pertencimento a um ou outro grupo que a população negra tentava manter, fechar, alargar, abrir ou relativizar. O que todos esses grupos negros queriam era reconhecimento, visibilidade e refutar qualquer estigma negativo que pudesse desqualificar a sua imagem junto aos seus pares e frente aos “outros”. E os “outros” eram os não negros, era a sociedade branca e excludente.

Explicando que na época o concurso de rainha do carnaval era disputado em duas modalidades – entre os clubes dos bairros e entre os do centro, sendo que a zona central da cidade é que detinha mais prestígio e era onde os clubes das elites se localizavam –, Alcione observa: “o único [clube negro] que fazia parte do centro era o Treze de Maio. Então, eles tinham que aturar a sociedade Treze de Maio, de negros, concorrendo com a sua rainha no centro”. E complementa:

[...] E era assim: na primeira noite, a gente concorria a rainha do carnaval, primeira princesa e segunda princesa. Na segunda noite de carnaval, quase no calçadão, na Avenida Rio Branco, fazia um coreto. Sei lá, um local que tu dançava em cima, todas as rainhas. Então, na primeira noite, eu saí Primeira Princesa do Carnaval do Centro. No outro dia, tinha o concurso de fantasias. Como a minha fantasia era a Deusa de Watusi, uma fantasia africana, eu tirei o primeiro lugar em originalidade. E eu lembro que eu tenho ainda um documento do GBOEX, que na época tinha uma premiação e 100 mil cruzeiros pra quem ganhasse originalidade e o luxo. E primeiro lugar em luxo foi a rainha do ATC³, a Lia Carrion, cuja fantasia foi bordada pela minha mãe. [...] aí, surgiram os figurinistas em Santa Maria, que desenhavam minhas roupas, O Goldman, o Tadeu foram meus figurinistas. Mas, eu tenho um problema com o Goldman, já falecido. Quando eu saí Rainha do Carnaval, ele desenhou a fantasia do ATC. A mãe da rainha do ATC, como era amiga da minha mãe, disse: Zilda, eu vou te levar lá na Elegância pra gente desenhar. Então, ele desenhou três fantasias, uma melindrosa, uma indígena de pés descalços e uma baianinha. Foi aí que ficou tudo muito pobre! E como eu ia concorrer com a rainha do ATC, que tinha uma fantasia de romana, riquíssima, e eu ia aparecer de indígena e de pés descalços? Tem aí um outro viés, né?

Alcione conta ainda que, ao perceberem a estratégia arquitetada pelo figurinista para a rainha branca vencer, imediatamente ela e sua mãe foram procurar outra forma de desenhar e confeccionar a fantasia, buscando inspiração na revista *O Cruzeiro*, onde encontraram a Deusa de Watusi, uma rainha africana. Este relato remete a uma das diversas formas como o racismo se manifesta na cultura vivida por negros e negras: “afetuoso”, mais para ardiloso, pois afinal o figurinista estava “valorizando” as tradições afro-indígenas. Entendemos que as expressões “problema com o Goldman” e “outro viés”, com as quais Alcione denuncia o descaso do figurinista com a sua fantasia, revelam uma das formas mais perversas pelas quais o racismo à

³ Alcione está se referindo ao Avenida Tênis Clube (ATC), cujo site, ainda em 2017, indicava os traços de elitismo da instituição: “São 99 anos de história que fazem do ATC um clube seletivo”. Disponível em: <<http://atc.esp.br/institucional/>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

brasileira se mostra, sempre procurando manter “afetuosamente” os privilégios da branquitude, na expectativa de que negros e negras não enxerguem o que se passa (SOVIK, 2009).

Izoete faz referência à segregação que a própria existência de clubes para negros e clubes para brancos, em si, constata: “[na década de 1970] era complicado uma pessoa da raça negra entrar ali no Caixeiral [...] ou dentro do Comercial”⁴. E Alcione conta que aconteciam visitas de cortesia, e durante o período de Carnaval era permitida a entrada de negros em clubes brancos. Brancos também costumavam ir ao Treze no Carnaval, e Zanete relata a “brincadeira” de um amigo, advogado: “ele sempre mexia comigo, [...] dizia que sempre ia olhar as negrinha e as negrinha nem davam bola pra ele, hahaha”. O que se percebe, nas falas das rainhas e princesas do Treze, é que, da segregação explícita dos clubes “de brancos” e “de negros” às brincadeiras racistas, e mesmo nas trocas de gentilezas entre os clubes, nos diferentes momentos da *cultura vivida* na sociedade santa-mariense, a segregação se mantinha. A prática do “cada um no seu lugar” revela a manutenção, nas décadas observadas na pesquisa, dos elementos de uma *cultura da tradição seletiva*, que segregava os negros nos próprios clubes ou num curto e específico tempo carnavalesco de “integração”, quando brancos visitavam os clubes negros e negros eram admitidos nos redutos da sociedade branca, o que na realidade não integrava ninguém, apenas servia para mostrar a uns como era a “casa grande” e a outros as “neguinhas”, que desapontavam os homens brancos, ao perceberem que no interior da sociedade negra elas tinham uma rede de proteção dos homens negros, na tentativa de se “aquilombar” (EVARISTO, 2019) e impedir aproximações e objetificações das mulheres. Nesse sentido, durante o período analisado, o Clube Treze de Maio foi na contramão do mito da democracia racial, não aprovava as relações inter-raciais, incentivando casamentos entre negros e negras, com vistas a constituir famílias negras.

Ressaltamos, por fim, que a *cultura vivida* por rainhas e princesas nos foi relatada por essas mulheres que, neste sentido, tornaram-se as “guardiãs da memória” do Clube Treze de Maio. Mas a memória coletiva tira sua força e sua duração das memórias individuais: são as pessoas que se lembram, como integrantes de um grupo. “De bom grado, dir-se-ia que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e que este ponto de vista muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Assim, cada um dos pontos de vista se constitui culturalmente como *tradições seletivas*, formadas por histórias, lembranças e trajetórias individuais, e é possível afirmar que reconstruir memórias de mulheres negras é “avaliar o perímetro dos vazios e das lacunas” (BORGES apud RATTS; RIOS, 2010, p. 13).

3.2. A CULTURA REGISTRADA: AS FOTOGRAFIAS, O JORNAL HEGEMÔNICO E O JORNAL CONTRA-HEGEMÔNICO

A *cultura registrada*, na pesquisa que originou este artigo, é composta de documentos diversos, a começar com as fotografias dos bailes, dos concursos de beleza, guardadas pelas rainhas e princesas negras e compartilhadas a partir de seus acervos particulares ou com o acervo do Museu Comunitário Treze de Maio.

⁴ O Caixeiral e o Comercial são tradicionais clubes da cidade de Santa Maria, que, segundo as entrevistadas, só passaram a aceitar negros como associados na década de 1990.

Nas fotografias (Figura 1), elas são vistas com belos e impecáveis vestidos de festa, sapatos, luvas e acessórios, documentando uma elegância que contraria a regra que relega à mulher negra inúmeros papéis secundários, subalternizados, estigmatizados e estereotipados. Ao contrário, a cultura registrada em tais fotografias afirma positivamente identidades negras no feminino

Figura 1. Fotografias das rainhas e princesas



No sentido horário: 1) Nilza (com a faixa), no "Baile das 10 Mais", Miss Simpatia, em 1969 (Fonte: Acervo particular de Nilza Moura); 2) Zanete apaga as velas do bolo vivo das "meninas", em 1976 (Fonte: Acervo particular de Zanete Callil Nascimento); 3) Alcione (a menina de calça comprida), Rainha do Carnaval Infantil, em 1961; 4) Alcione, com a fantasia Deusa de Watusi, no Carnaval de 1970 (Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Comunitário Treze de Maio); 5) Izoete, Rainha da Primavera, em 1966 (Fonte: Acervo particular de Izoete Soares Ribeiro).

3.2.1. A VOZ DO 13: UMA VOZ AMIGA DA SOCIEDADE E DO LAR!

Este era o slogan do jornal que circulou entre os associados que frequentaram o Clube Treze de Maio. *A Voz do 13* foi um órgão representativo e de divulgação da Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio, que tinha como escopo, conforme edição datada de maio-junho de 1966, publicizar "fatos sociais e culturais, romance, esporte e um mundo de bela leitura para a sociedade e o lar". Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Pallotti de Santa Maria e com edição mensal de 800 exemplares, seu diretor era Reci Mauro Alves Tolentino, que anos depois, aos 82 anos, foi entrevistado pelo *Diário de Santa Maria*, em homenagem aos 110 anos do Clube Treze de Maio, recebendo destaque na *Revista Mix*, mantida pelo jornal, nos dias 1º e 2 de junho de 2013.

A cultura das tradições seletivas: (in)visibilidade de rainhas e princesas negras do Clube Treze de Maio no jornal A Razão (1960-1980)

Giane da Silva Vargas

A *Voz do 13* anteriormente se chamava *O Tigre*. No entanto, considerou-se que seria melhor mudar o título, para ficar com um “ar mais social” (Figura 2). Tinha o apoio publicitário de estabelecimentos como o salão de beleza Zizi-Zilmar, que contava “com especialista em alizamento a frio”, conforme anunciava em 1966: “Oh! Não se encomode com o seu cabelo. Hoje não há mais problema – A moda e os processos transformam-o no mais belo. Confie o mesmo ao já conhecido e consagrado especialista em ‘Alizamento A Frio’: Zizi-Zilmar”⁵. Destacamos o anúncio (Figura 3), porque ele tem força de *cultura registrada*, atestando que

a textura do cabelo é um indicador do pertencimento etnorracial. Em evidente demonstração de qual era o padrão de beleza da época, muitas mulheres negras perderam seus cabelos ao alisá-los tanto com pente quente quanto a ferro, ou rendendo-se ao alisamento a frio, tudo para seguir um padrão de beleza imposto por uma sociedade que ditava normas e padrões de comportamento que não condiziam de maneira nenhuma com os valores civilizatórios africanos, simbólicos, afetivos e estéticos das mulheres negras. No processo de desqualificação social de pessoas negras, existe certa pressão sobre mulheres e homens para que “controlem” os cabelos crespos e/ou volumosos (RATTS; RIOS, 2010, p. XIV).

Figura 2. De *O Tigre* para *A Voz do 13* (1966)



Fonte: Acervo particular de Alcey Bonifácio dos Santos (antigo sócio do clube).

⁵ Conservamos a grafia da época

Figura 3. Anúncio publicitário no *A Voz do 13*: “alizamento a frio” (1966)



Fonte: Acervo particular de Alcey Bonifácio dos Santos (antigo sócio do clube).

Segundo Coiro Moraes e Ferreira (2013), a coluna social foi fruto de uma nova forma de construir a informação, surgiu com as *gossip columns* americanas e foi trazida para os jornais brasileiros. Seus temas eram ligados às famílias da alta sociedade, constituindo-se em relatos de festas, informações fúteis, curiosidades políticas, fofocas sobre milionários, artistas e celebridades. Para Sodré (2003), a coluna social ajudou a construir uma “mitologia pequeno-burguesa”, sinalizando aqueles que tinham poder e oferecendo-lhes visibilidade.

Na coluna de *A Razão*, não encontramos nenhuma notícia do certame de beleza interno, em que Alcione foi eleita Rainha do Carnaval do Clube Treze de Maio. Os eventos veiculados pelo jornal foram o Carnaval da cidade e a visita das rainhas de cada clube à redação de *A Razão*, para divulgar os seus clubes. Assim, a Figura 4 documenta a visita de Alcione à redação do jornal, em 6 de fevereiro de 1970, e, na Figura 5, ela está na capa do jornal, já eleita Primeira Princesa do Carnaval de Santa Maria, em 1970. Foi a única vez que uma representante do clube negro esteve no pódio de certame de beleza do Carnaval da cidade. Nesta fotografia de capa (Figura 5), ao centro, está a Rainha do Carnaval de Santa Maria daquele ano, uma moça branca e loura, o que atesta, no nível da *cultura registrada*, o valor da branquitude na sociedade santa-mariense.

Figura 4. Alcione visita o jornal *A Razão* (1970)



Fonte: Arquivo do jornal *A Razão* (Coluna Social, 6 fev. 1970).

Figura 5. Capa do jornal *A Razão* (1970)



Fonte: Arquivo jornal *A Razão* (12 fev. 1970).

“Numa *tradição seletiva* linguística, que supõe ofensiva a qualificação ‘negra’, a coluna social do jornal descreve eufemisticamente: ‘uma linda *morena* que se apresenta como candidata ao título” (ESCOBAR; COIRO MORAES 2016, p. 35, grifo nosso). Trata-se “de uma tradição seletiva em que ‘o valor da branquitude se impõe em discursos que aparentemente não falam de identidades raciais ou valorizam identidade negras” (SOVIK, 2009, p. 40). Expressões como esta reafirmam o privilégio branco, falando de forma afetiva algo que na verdade demarca a desigualdade. É uma *tradição seletiva* que naturaliza a supervalorização do branco.

Demonstrando a importância do Carnaval como festa nacional, uma das *tradições seletivas* que se pode apontar na cobertura de *A Razão* aos festejos de 1970 se dá no próprio momento em que define a noticiabilidade do acontecimento, pois a coluna social se desloca para a primeira página do jornal. Ali, enquanto o texto aponta que a rainha eleita é “graciosa e meiga”, a manchete indica outra *tradição seletiva* daquela cultura, quando informa que Aloida Janner foi a Rainha do Carnaval de 1970, representando o centro da cidade, enquanto Norma Santana foi a Rainha dos Bairros. Alcione foi a Primeira Princesa do Carnaval de Santa Maria, pelo centro, já que naquela época havia a segregação também entre os clubes do centro e os clubes dos bairros (certamente os mais simples e mais pobres). O Treze figurava entre os “clubes do centro”, e, portanto, detinha certo privilégio neste sentido, embora fosse um poder limitado e com fronteiras.

Finalmente, para abordar conjuntamente o que aqui se está chamando de imprensa hegemônica e imprensa contra-hegemônica, com relação à *cultura registrada* em *A Razão* e *A Voz do Treze*, reportamo-nos a Gramsci (1978, p. 15), que, em suas formulações sobre o conceito de hegemonia, afirmava que grupos sociais em situação de subordinação muitas vezes tendem a seguir a concepção de mundo do grupo dominante. Para o autor, dessa adoção – acrítica – resulta um embate entre forma de pensar e de agir, e, por isso, “não se pode destacar a filosofia da política; ao contrário, pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção de mundo são, também elas, fatos políticos”.

Nesse sentido, é possível pensar nas ações do Clube Treze de Maio, entre elas o esforço para manter um órgão de imprensa próprio, como um projeto político contra-hegemônico, que quer se opor à negação da identidade da mulher negra santa-mariense, fenômeno culturalmente aliado a outras estruturas excludentes,

como, por exemplo, as instituições de ensino, os clubes sociais brancos e a reprodução de tradições seletivas racistas da sociedade em geral, na imprensa hegemônica. Sob a perspectiva cultural, hegemonia é

todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no sentido mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes (WILLIAMS, 1979, p. 113).

Assim, as tradições culturais, que marcam as práticas sociais em específicas conjunturas espaço-temporais, e as maneiras pelas quais essas práticas são vividas, registradas e mantidas sob a noção de tradição pelos sujeitos, constituem seus modos de organização sob a “cultura hegemônica”, ligada a muitas continuidades, legitimadas e apoiadas por instituições formais, que respaldam e influenciam a sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As rainhas e princesas do Treze foram detentoras de notoriedade, distinção e intensa visibilidade no interior do reduto de sociabilidade negra, na cultura vivida e registrada entre seus pares. E embora o clube promovesse inúmeras atividades importantes para a comunidade negra, visibilizando as mulheres no interior do território negro, o fato não se tornou parte efetiva da cultura registrada na imprensa local santa-mariense, que não destacou as rainhas e princesas do Treze na mesma proporção em que dava visibilidade às mulheres brancas.

O que o jornal *A Razão* não registrou é que as rainhas e princesas do Clube Treze de Maio eram belas, e quando fazia uso desta palavra era para reforçar estigmas e estereótipos atribuídos às mulheres negras. Tais tradições seletivas se faziam notar em adjetivos relacionados ao seu pertencimento racial: “bela morena”, “linda morena”; “escultural mulata”, na tentativa de negar a “raça”.

Hoje, ao coletar os pujantes relatos das rainhas e princesas do Treze, que testemunham experiências de sociabilidade e afeto que ali compartilharam (ou seja, a cultura vivida), e os registros fotográficos e jornalísticos próprios (isto é, a cultura registrada) que comprovam a sua visibilidade no interior do clube negro, e, ainda, cientes da procura por veiculação dos eventos do Treze por parte dos seus gestores, concluímos que o jornal *A Razão* se alinhou à cultura da tradição seletiva que minimizava a beleza daquelas mulheres negras, invisibilizando-as pelo não dito, por aquilo que silenciava, ou pelo que “mostrava”, entretanto com lugares definidos e com hora marcada para terminar.

Hall (2003b, p. 199) diz que, ao contarmos uma história, a contamos de múltiplas formas, que são diferentes, alternativas, e, por isso, ao expressar o que chama de seus “fardos de representação”, ele nomina, especificamente, “o fardo do homem negro”. Assim, o que buscamos aqui foi trazer para a centralidade as rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria, para que elas próprias falassem de seus posicionamentos como mulheres negras, suas alegrias, suas contradições identitárias, suas vivências culturais e, sobretudo, seu sucesso como rainhas e princesas de um clube social negro.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

COIRO MORAES, Ana Luiza; FERREIRA, Jucineide T. da Silva. Visibilidade negra na coluna social do jornal *Apalavra*: estruturas de sentimento dominantes, residuais e emergentes. *Eptic*, v. 15, n. 3, p. 101-116, set./dez. 2013.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais para além das fronteiras disciplinares. In: _____.; VEIGA NETO, Alfredo (Orgs.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 13-36.

ESCOBAR, Giane Vargas; COIRO MORAES, Ana Luiza. “Para encher os olhos”: uma análise cultural da visibilidade de uma rainha negra no jornal *A Razão*. In: RIZZOTTO, Carla Cândida (Org.). *Comunicação e gênero: um panorama da pesquisa empírica no cenário nacional*. Londrina: Syntagma, 2016. p. 25-42.

EVARISTO, Conceição. Tempo de nos aquilombar. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 dez. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/em-textos-ineditosescritores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: UFMG, Iuperj, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Estudos culturais: dois paradigmas. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003a. p. 131-159

_____. Os estudos culturais e seu legado teórico. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003b. p. 199-218.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 7-132.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. *Lélia Gonzalez*: retratos do Brasil negro. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SODRÉ, Muniz. Gente boa e gente fina. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 26 ago. 2003. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd260820031.htm>>. Acesso em: 10 maio 2018.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____. Introdução. In: _____. (Org.). *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 9-22.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave*: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *La larga revolución*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

_____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.